

# ZULEICA MARTINS FERREIRA

CHIQUINHA RODRIGUES

Ainda estou a vê-la, antes de 1930, na regência de classe primária na Escola Normal da Praça da República, hoje Instituto de Educação "Caetano de Campos". Risonha mas severa, afável sem exageros, ela havia nascido mestre-escola, formadora intelectual de homens. Sua palavra incisiva e firme sempre valeu como uma diretriz serena e justa.

Nunca foi a professora que releva descaso, que se agita às circunstâncias, a gosto do aluno e para seu delecto. Não. Em sua classe sempre existiu uma só verdade — a do dever cumprido; um só caminho — o da honestidade tivesse o discípulo qualquer idade, frequentasse ele qualquer curso. Sua divisa sempre foi a de formar elementos úteis à sociedade.

Em minha vida de mestra sempre distingui, na classe do magisterio, professoras melhor talhadas para a regência de classes masculinas ou femininas, com sensível tendência para uma das duas veredas.

Zuleica pertencia ao primeiro grupo. Dar personalidade aos alunos, imprimir em sua mente a idéia de auto-domínio, com orientação marcante para postos de comando; mostrar-lhes como e porque deviam assumir atitude de chefe. Tudo isso exige larga parcela de cabedais e dons que colocam as mestras em verdadeiro pedestal.

Acompanhei-a, dia por dia, nesse labor, na escola primária observando sua honestidade profissional nos seus mínimos detalhes: nas explicações em classe, na correção dos trabalhos de casa, na conduta para com seus alunos. Magnífica mestra: mais que mãe porque não transigindo com a classe. Mais que mestra porque agindo em benefício direto e imediato em favor da criança. Depois... sempre igual em sua conduta. Nem zangas, nem excesso de estima, nem recuos em sua atenção à classe. Noção perfeita da tarefa didática, na dosagem metódica das obrigações escolares.

Tal foi esta professora por largos anos de magisterio.

Mas, surge para o ensino paulista e brasileiro uma oportunidade — é a experimentação da Escola-Nova, aqui na Escola Normal da Praça e com Zuleica, sob a orientação do professor Lourenço Filho. Foi escolhida uma classe de 4.º ano primário comum.

Só posteriormente os alunos desta classe foram submetidos a testes de inteligência, fator que não deu motivo ao afastamento de um aluno sequer. Dirigia a "Caetano de Campos" o notável mestre Gomes Cardim pai do atual superintendente do referido educandário, componentes de uma grande família de educadores.

Zuleica está em sua classe. Vai experimentar a Escola-Nova. Nós, os pais de seus alunos, só mais

tarde soubemos que se procedia a um ensaio, a uma verificação, no terreno educacional, e com os nossos filhos. Mas, Zuleica estava no leme. Ela não fracassaria, na certa. E ficamos em observação, em atitude de alerta.

O que, porém todos logo percebemos foi o invulgar interesse com que os meninos desempenhavam suas funções, acontecimento até então invulgar na escola paulista.

Houve extraordinário desejo de estudar, de aprender.

Os nossos filhos entravam deliberadamente pela adolescência intelectual, eles que beiravam os dez anos apenas. Em torno da classe de Zuleica mais de quarenta pares de pais, acompanhando comovidos o desabrochar vigoroso de tantas inteligências. Em classe, o auto-controle das crianças que dirigiam os trabalhos, como consequência lisonjeira dos ensinamentos recebidos da mestra. Ainda me lembro do exercício de linguagem de um aluno de então, hoje engenheiro do Estado, moço que se diplomou na Politécnica com vinte e um anos apenas tendo feito exame vago da primeira para a segunda série ginásial.

Contava nove anos quando escreveu uma composição mais ou menos nestes moldes:

**"ADJETIVO E SUBSTANTIVO**  
Agonizava em seu leito de dor o velho Adjetivo.

Pobre, muito pobre, nada tivera de seu em toda a vida. Não passara de um simples criado do rico e fidalgo Substantivo, o dono de tudo, o senhor de terras e de mares. Substantivo — o nome das pessoas, dos bichos e das coisas. O respeitável Substantivo.

Enquanto o pobre Adjetivo...

Na hora da morte chamou os seus dois filhos: o Qualificativo e o Determinativo e lhes disse: Quero que guardem a última recomendação de seu pai: nós pouco valem neste mundo. Auxiliemos o Substantivo que até pode viver sem nossa companhia. Ele é tudo. O Adjetivo é quase nada.

Tenham cuidado, meus filhos. Não abandonem nunca o Substantivo. Quando isso acontecer, quando vocês se acharem sozinhos, na frase escrita ou na palestra, deixarão de ser adjetivos, ficando reduzidos a simples pronomes apenas isso..."

O exercício continua mas a essência aí ficou.

Dona Zuleica, serena e convincente, semeou ensinamentos magníficos durante mais de trinta anos. Aqui estão, na elite de São Paulo, os homens que ela formou. Aqui vivem as mulheres que, sob seu conselho, se tornaram mães concientes, criaturas de escol.

O reconhecimento de seus méritos leva Zuleica à catedrática do Instituto de Educação "Caetano de Campos", onde ela transmite aos estudantes do curso normal e de especializações a experiência de seu trabalho didático, imprimindo à função de mestra invulgar entusiasmo. O caminho percorrido não deslustra o encanto de ensinar.

Por que, meu Deus! não temos mestras deste estofo?

Já em 1870 na Europa, se proclamava o valor dos professores na feitura das sociedades humanas, na regência dos povos até das relações dos seres feitos à semelhança de Deus.

Saudade de você, Zuleica. Saudade e gratidão, minha amiga.